

Por JOSÉ OITICICA

Um ano depois da morte de Getúlio Vargas, procedeu-se à eleição do seu sucessor, porquanto o vice-presidente Café Filho apenas lhe completou o tempo de governança.

A luta pela sucessão empolgou fracamente o país já meio alertado, é claro, da importância de uma sã democracia onde imperem os grandes à custa dos pequenos. O exemplo típico de um Getúlio pai dos pobres porém mãe dos ricos, milionário por sua vez, politiquero de vastos recursos, chefe visível de uma quadrilha profundamente enraizada à sua sombra e extensamente enfeudada nos ministérios e governos estaduais, descorçoou a nação e lhe abriu um pouco as pálpebras adormecidas pelo ópio democrático e demagógico.

E mal fechou os olhos, começou a nefasta quadrilha a assanhar-se no gigantesco esforço da sucessão. O problema estava pôsto nestes termos: ganhar as futuras eleições e perpetuar-se ou perdê-las e naufragar.

Os ricos de que Getúlio fora mãe, amparado pela cegueira do proletrado que o supunha pai, alvoroçaram-se. Levantavam-se contra eles outros políticos em nome de uma ação moralizadora, ansiosos por entrar a nação num regime de moralidade administrativa, saneamento financeiro e prosperidade econômica.

E que se viu? Não contando com o descaro inconsciente e petulante dos integralistas, de ridícula memória, três partidos defrontaram-se: a velha guarda getulista comandados pelo governador de Minas; o vasto grupo do ex-governador de S. Paulo, acusado, por todos, de ser o mais deslavado concussionário (enfimismo de ladrão público) de todos os tempos no Brasil e cuja lista de ladrões foi elaborada e extensamente divulgada sem a mais leve contestação; finalmente, outro amplo setor, o dos cidadãos desejosos de inaugurar uma era política mais ou menos séria, laboriosa e decente.

O que se viu foi a paridade dos três grupos: mais de dois milhões de brasileiros querem que se continue o regime de Getúlio; outros dois milhões desejariam ver no pósto supremo da administração pública o brasileiro mais ladrão que já houve na história nacional e o queriam, proclamando-lhe a superioridade com esta arrastante senha: "Rouba, mas faz"; mais de dois milhões votaram pela moralização administrativa.

Conclui-se que apenas um terço aceitou a tal moralização! Como assim? apenas um terço?

Esse resultado revela, das duas cousas, uma: ou o povo brasileiro é supramente imoral, pois dois terços preferem continuar no regime da latronice infiltrada ostensivamente na administração pública, ou o povo brasileiro é duplamente cretino pois se deixa levar pela soez demagogia dos politiqueros mais desmoralizados.

Para nós, anarquistas, o resultado revela a estupidez de qualquer regime político. O exemplo do nazismo alemão é clamante. Não se tratava de um povo semianalfabeto. Tratava-se de um dos povos mais cultos do mundo. Pois esse povo, em quatro ou seis anos, se deixou levar pela paranoia de Hitler a ponto de arremessar-se na mais louca das aventuras, levado por uma doutrina cem por cento insensata.

O hitlerismo foi fruto real da democracia. Hitler, venceu pelo voto num país onde o voto é secretíssimo e as eleições corretíssimas. Logo, se a democracia do voto pariu Hitler, um monstro, é que ela é, por sua vez, monstruosa.

Nós, anarquistas, sabemos que assim é. A democracia é um sistema calculadamente organizado pela classe dos ricos, dos açambarcadores, para, iludindo o povo com a falsa aparência de uma escolha livre, os perpetuar na gestão do país.

A quem duvidar disso perguntamos: quem escolheu os candidatos Juscelino-Jango, Adhemar-Danton, Juarez-Milton? Foi o povo? Jamais. Foram eles próprios, através de cambalachos sórdidos, barganhas torpes ou arranjos aparentemente honestos; mas, lá entre eles, entre os chefes, os maiores, dos partidos políticos, reunidos em convenção! Convenção do povo? Nunca! Reunião deles, dos políticos, deles somente. Juscelino apresenta-se e, depois de muitas indecentes gajogas, é apresentado por uma dupla partidária; Adhemar apresenta-se; mas, no final do empurra, também é apresentado por um ou dois partidos; Juarez apresenta-se, mas acaba sendo apresentado por outros partidos.

E o povo? E' consultado? De modo algum. A comédia desenrola-se à sua revelia. Concorre aos discursos dos candidatos apresentados pelos partidos e, no final da pantomina falada, o obrigam a votar num dos três apresentados!

Foi o povo que escolheu? Nada: o povo apenas homologou obrigado, ou por esporte (o povo gosta de briga de galos), um dos eleitos pelos partidos. Quem elegeu Juscelino? O povo? Não! Os partidos que o escolheram, porque o povo não foi ouvido nem cheirado para a apresentação do seu nome.

O povo, como em toda a parte, foi apenas torpemente iludido, enganado, tapado (a giria diz tudo) por esses velhacos sem figado, chamados políticos.

E que é a política senão a comédia trágica dos ricos, dos capitalistas, dos tubarões, todos eles ladravazes mais ou menos desmascarados e despostrados enganadores do povo crédulo?

Getúlio, o tubarão Getúlio, não dominou os sindicatos gritando aos tra-

AÇÃO DIRETA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Diretor: JOSÉ OITICICA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: AV. TREZE DE MAIO, 23-9.º ANDAR — SALA 922

ANO X — N.º 103

Rio de Janeiro, Novembro de 1955

PREÇO: Cr\$ 2,00

CAIXA POSTAL 4.588

ESTAMOS NO SÉCULO XX LITERATURA E MILITARISMO NA U. R. S. S.

O "Mundo Ilustrado", de 6 de abril, publica minuciosa reportagem sobre as penitenciárias do Rio. Ocupa-se, particularmente, da Cândido Mendes, na Ilha Grande. Entre muitas cousas escritas, estarrecentes, transcrevemos as seguintes, referentes ao perverso guarda apelidado Chicão. Esse monstro "por motivos de somenos importância (insulto, comida jogada no chão, desobediência no trabalho) pega no seu casse-tête de madeira e dá asas à sua maldade".

No dia 7 de março, mandou Chicão "os guardas Jaime Gomes Maia, Antônio Conrado da Silva, vulgo Raulino, espancar o detento Ailton Luis da Silva, cegando-o de uma vista esquerda. Vimos a vítima na enfermaria. Falamos com ela horas depois. Outros presos foram alvo do desvario do Chicão, o principal motivo da discórdia na Colônia e o homem que pode levar os detentos a uma revolta sangrenta, igual à verificada na ilha Anchieta. São os seguintes os convictos que o Chicão acariçou com sua Martinha, o casse-tête de madeira: Joel Correia (defeito físico no rosto, deformação), baleado na perna pelo Chicão; Nestor Xavier de Oliveira; Manuel Calixto de Oliveira, vítima de Chicão; Cicero de Sousa Oliveira, Pedro Rodrigues da Silva, Dario Batista, Carlos Soledário da Hora, José Ferreira da Silva, Mineiro, defeito físico na perna direita, produzido por bala, vítima dos guardas Chicão e Waldemar Tenório. José Joaquim Dantas encontra-se no Sanatório Penal de Bangu, tuberculoso dos dois pulmões, vítima do Chicão. Francisco Lima Guimarães, Waldemar de Carvalho e Benedito Zózimo Correia são outras tantas vítimas. Fernando Francisco Sales perdeu a faculdade mental e encontra-se na Penitenciária Central ou no Manicômio Judiciário, vítima dos guardas Chicão, Jaime Gomes Maia e Antônio Conrado da Silva".

São espancamentos, martírios, assassínios. Fiel imagem do Estado, a legalidade da mentira, da barbárie e do crime. Os protestos de ontem eram contra as delegacias, por causa das vítimas dos esbirros policiais; os de hoje são ecos vindos das penitenciárias onde friamente se destroam seres humanos. A maioria dos indivíduos presos são enfermos ou desviados pela injusta e desequilibrada sociedade que os levou ao desespero e ao caminho tortuoso da delinqüência. Ontem, como hoje, pede-se nos jornais e se espera o castigo dos responsáveis por tais arbitrariedades.

Isso não basta. Explicaremos porque. Neste século, a evolução na justiça normal dos sentimentos humanos varreu esses negros processos inquisitoriais. Em sua política atual, a nação tem um governo, ministros, generais, juizes, comissários, policiais, guardas etc. Para nós, anarquistas, é todo esse conjunto inútil no futuro, o responsável por esses desvios.

Sim! perante o povo, são todos responsáveis. O castigo, se se aplica, não deveria ser individual e sim coletivo; não contra um ou dois fantoches, senão contra todo um sistema. Nosso sentir popular fica indiferente ao castigo aplicável ao bruto imbecil que o executa, pois apenas representa a mola mecânica da diabólica estrutura organizada e estabelecida por outros.

Como de costume, o Governo, pobre ignorante, desconhece o por todos sabido. De certo, esses competentes administradores devem ter suas sábias razões para ignorar o que lhes convém. Porém, a triste realidade é outra, é que o Estado, em seu desequilíbrio social, necessita da força. Sabe que tem de amedrontar, bater e matar para poder manter em pé o aparelho de sua exploração; sabe que,

balhadores sua decidida luta contra os tubarões?

E dois milhões de brasileiros não acreditam ainda na inteireza moral e política de Getúlio?

Pobre povo trabalhador! Quando abriás definitivamente os olhos e os ouvidos para ouvir a verdade e, num ímpeto final, destruir o regime capitalista, renegando de todo os políticos, meros testas de ferro dos que dominam a terra com o dinheiro? A revolução nunca se fará pelo voto, porque o voto mantém o regime do capital e ilude os trabalhadores.

E' o que afirmam e provam os anarquistas.

para isso, necessita de seus esbirros, seus cães, sua polícia, seus guardas; que a polícia necessita de seus métodos; que a seus métodos indispensáveis são a bestialidade, a brutalidade requintada, o crime meditado. Analisemos objetivamente: Quem, no país, provoca esses delitos?

A polícia, os guardas, os esbirros. Quem os consente? Seus chefes e superiores. Quem os nomeia e protege? O Governo e seus ministros. Quem é a cabeça destes? O Estado.

Então, a responsabilidade não está em baixo; está em cima.

Sabe-se que os espancamentos e martírios ocorrem, numerosos e diários, em diversos lugares. Não só numa cidade; em toda a nação. Desgraçadamente, os nomes das vítimas ficam no vácuo, pois não são ladrões a passear em Cadillac, a traficar com toneladas de comestíveis, a especular com milhões nos bancos. São desses desgraçados seres do abandonado povo sofrido. Não é o ser milionário, é um ser humano humilde. Não é a opulência e a granfinagem, senão a miséria e a ignorância.

Mas, que sucede hoje? Que até os mesmos burgueses, em seus jornais gritam indignados contra essa cadeia de fatos vergonhosos, que escandalizam o país, contra essa dita justiça governamental, ante a qual trema o povo honrado, por não representar a mínima partícula de seu sentir, nem se harmonizar com os sentimentos deste século.

Tanto se permite, que o crime degenerou em vício nos esbirros da ordem. A violência chegou a transformar em corrupção as fontes da chamada justiça do Estado.

NEMO

O Kremlin é a Môsca Azul

Por SERAPHIM PORTO

"Era uma môsa azul, asas de ouro e granada."

"Com um gesto pegou na fulgurante môsa, Curioso de a examinar."

"Dissecou-a, a tal ponto e com tal arte, que ela, Rôta, baça, nojenta, vil, Sucumbiu; e com isto evadiu-se-lhe aquela Visão fantástica e sutil."

Nunca sabem os militantes comunistas como devem proceder. Não sabem nem podem saber, em virtude de um erro de concepção. Supõem os militantes que estão sendo orientados num sentido, quando na realidade o estão em outro. Cumprem todas as ordens emanadas dos seus dirigentes, supondo que as suas conseqüências concorrem para a emancipação do proletariado. Como têm confiança, não discutem, aceitam e atuam. E assim são levados às situações mais ridículas quando não às mais dolorosas! Recebem hoje ordem de atacar um governo e não temem conseqüências. Amanhã a ordem é completamente contrária, sem que haja modificação tendente a beneficiar o proletariado, e lá estão eles com o mesmo ardor! Prestigiam e auxiliam hoje os órgãos do governo ajudando a arrebatar o proletariado para apontar-lhe as garras de um Getúlio ou de um Perón, não vacilando até em apontar à reação outros militantes que resistem, e amanhã se atiram contra os mesmos órgãos como loucos varridos, sem sequer saber a razão da mudança de atitudes!

Getúlio é um deus, Getúlio é um monstro que permitiu (ou mandou) espancá-los, torturá-los, matá-los, Getúlio é um deus... Hitler é um deus e o auxiliam a galgar o poder, Hitler é um monstro que, macaqueando Nero, provoca incêndio para culpá-los tomando-os como isca, Hitler é um deus e com ele fazem sagrada aliança, Hitler é um monstro que invade a Santa Rússia... Franco, o terrível Franco, reencarnação de Torquemada, é um monstro terrível!... mas, agora, Franco, o columbino, o cordeiro de Deus, é um deus!...

Por tão milagrosa transformação, acaba a U. R. S. S. por seu representante na O. N. U. de reconhecer como "de fato", o governo fascista de Franco. "Molotov, — após haver pronunciado o seu discurso, em favor do estabelecimento de um pacto de segurança coletiva baseado nos esforços conjuntos de todos os países europeus, independentemente dos seus sistemas políticos e sociais", declarou depois, todo sorridente, que o convite do governo soviético se estendia também ao governo espanhol.

Tudo isto acontece, porém, porque, embora suponham os militantes que estejam sendo orientados no sentido da emancipação do proletariado, estão sendo conduzidos, na realidade, lamentavelmente, no sentido do engrandecimento e fortalecimento do imperialismo russo, não podendo rir assim dos que servem os interesses do imperialismo norteamericano.

O que importa aos dois governos são as transações comerciais. Ao governo russo, o que move é o chumbo, o mercúrio, os produtos têxteis, que lhe mande a Espanha; danem-se os bolchevistas espanhóis... a Rússia é que não vai brigar por causa deles... Ao governo espanhol, o que interessa é o algodão, o trigo, o petróleo, que lhe envie a Rússia. Tanto tudo isto é verdade que o reconhecimento foi feito quando ainda soavam bem nítidas as seguintes palavras do V Congresso Comunista Espanhol a quem não esteve, por sinal, alheia a vontade do Kremlin e que não deve ter sido lisonjeiro ao nosso grande "camarada": — "... o Partido comunista é a única força política democrática espanhola, que tem estado permanentemente à testa das lutas contra o franquismo, que sustenta sem fraquezas nem vacilações a bandeira das liberdades democráticas, da independência e soberania nacionais, que tem estado e está por uma solução espanhola e dada por espanhóis ao problema do regime em nosso país."

Que coincidência... Parecem até palavras de Prestes... de todos os líderes bolchevistas... E apesar de tudo... Que espera o pobre poleá, da môsa azul?!

Todos os sistemas faliram. Resta o Anarquismo. ESTUDAÍ-O

Embora se obstine o mundo inteiro em tomar os esgares preconcebidos dos dirigentes soviéticos por sorrisos corteses e por sinais de apaziguamento, consideramos um dever expor alguns fatos de caráter menos otimistas. Talvez não sejam estes fatos abrigatoriamente fatais aos destinos da paz, mas demonstram, plenamente, que as preocupações e a linguagem dos defensores do poder soviético não são iguais no interior e no exterior do país.

Assim, no transcurso de dois meses, entre março e maio de 1955, três militares superiores soviéticos chamaram a atenção do país, para a necessidade de preparar-se para uma guerra ofensiva. Com efeito, a 24 de março de 1955 no jornal Estrela Vermelha, órgão do Ministério da Defesa Nacional da U. R. S. S., o marechal P. Romiotrov escreveu: — "Não devemos movimentar os nossos comandos com teorias caducas; devemos pôr em evidência o perigo, sempre crescente, de uma agressão brusca, e relativamente a ela, criar a disposição combativa do nosso exército, marinha e aviação."

A 5 de maio de 1955, o mesmo jornal publicou um artigo do general de divisão D. Kornienko, em que dizia claramente: — "Tendo em conta o aparecimento de novas armas, que possuem enorme capacidade de destruição, o fator surpresa adquire importância sempre crescente."

Dias mais tarde, a 8 de maio, o marechal A. Vassilievski em Ivestia sobre o mesmo assunto: "Preparam-se os soldados soviéticos para dura luta contra inimigo forte e bem equipado; aperfeiçoam continuamente a sua instrução militar e política. Os efetivos do exército, da aviação e da marinha estão educados com espírito decisivo de ação ofensiva". O marechal Vassilievski faz ressaltar a importância do fator surpresa e diz: "A importância do fator surpresa aumenta consideravelmente com a entrada em jôgo da aviação a jato e das armas destrutivas."

Um pouco depois, a 17 de maio, a Literaturnaia Gazeta fez saber que em fins do mês se realizaria em Moscou, na Casa Central do Exército, uma conferência consagrada aos problemas da literatura militar-artística e que, ao lado dos escritores, tomariam parte na conferência representantes do Serviço Principal Político do Ministério da Defesa da U. R. S. S.

Com efeito, a 27 de maio, inaugurou-se a conferência. Na Literaturnaia Gazeta do dia 28 do referido mês, achamos breve editorial em que lemos: — "Começou ontem em Moscou a primeira conferência pansoviética consagrada aos problemas do desenvolvimento da literatura militar-artística, convocada pelo Sindicato dos Escritores da U. R. S. S. Nos trabalhos da conferência tomam parte mais de 300 literatos, que representam organizações dos escritores das repúblicas, dos territórios e regiões, trabalhadores das edições, das revistas e jornais literários, representantes do Serviço Principal Político do Ministério da Defesa Nacional, generais e oficiais."

O escritor G. Polevoi que primeiro fez uso da palavra, disse: — "Nosso objetivo — fim grande e nobre — consiste em criar obras que, de acordo com o seu alcance e com a sua saturação ideológica, com a sua profundidade e com as suas imagens, sejam dignas do heroísmo já demonstrado pelo povo." E acrescentou: — "O Partido nos convida a criar livros que deem às futuras gerações imagens majestosas dos guerreiros soviéticos, libertadores da Europa, vencedores do fascismo."

No mesmo número da Literaturnaia Gazeta encontramos, em três grandes colunas, a exposição da intervenção do tenente-general Chatilov, vice-diretor do Serviço Principal Político do Ministério da Defesa Nacional. Entre outras cousas, o general Chatilov afirmou: — "Os guerreiros soviéticos são fortes não só pelo alto nível da sua moral, não só pela consciência da justiça e da invencibilidade da sua causa, mas também pela notável técnica militar com que o povo os armou." Comunicou em seguida o general Chatilov que "durante os anos de após guerra, o Partido Comunista e o Governo soviético desenvolveram um grande trabalho para conservar no futuro a superioridade militar adquirida em evidência aos exércitos capitalistas". E concluiu igualmente o fator surpresa: — "No momento atual, disse, a questão do fator surpresa no encaminamento da guerra adquire grande importância". "Também o nosso exército — observou Chatilov — sofreu a influência deste fator". E em relação a isto, confessa o general que as esteras militares de hoje se opõem à teoria elaborada por Stálin, segundo a qual as

(Conclui na 2.ª pag.)

OS GRAFICOS LUTAM POR AUMENTO DE SALÁRIOS

Assinado pela diretoria e pela comissão de salários, com data de 10 de outubro p. p., foi distribuído o seguinte comunicado do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas do Rio de Janeiro:

"Estamos, novamente, em luta para obtenção de uma melhoria salarial. Apesar do alto custo da vida, negaram-se os empregadores a atender ao apelo formulado por nós, para uma solução amigável de tão justa pretensão.

Alegaram, primeiro, os industriais gráficos, que a situação de instabilidade política do país deixava pairar sérias dúvidas sobre a marcha dos acontecimentos provocados pela sucessão presidencial, obrigando-os, segundo deixaram entrever, a uma retração natural.

Depois, insinuaram a falta de serviço nas empresas gráficas, impossibilitando maior margem de lucros e consequentemente impedindo uma melhoria salarial para seus empregados.

Foram mais além: acusaram as Empresas jornalísticas que exploram o serviço de obras de uma concorrência desleal, de vez que, só em fevereiro deste ano, lhes foi imposta pela Justiça Trabalhista a majoração por eles dada em setembro de 1954, além de gozarem de isenção de direitos para importação de papel e material tipográfico, o que não ocorre com os associados do Sindicato das Indústrias Gráficas do Rio de Janeiro.

Analise o item por item:

Primeiro: as eleições, apesar da luta partidária exercitada em torno das mesmas, só lucros produziram para as empresas gráficas. Todos sabemos como é regamente pago o material de propaganda, cobrado pelas casas do ramo por um preço muito superior ao que realmente vale. Longe de ser um motivo de preocupação, o pleito eleitoral serviu, e serve sempre, para a realização de grandes negócios por parte da maioria dos industriais gráficos.

Vamos ao segundo: a falta de serviço nas casas do gênero. Ainda não procede a alegação. Todos sabemos que os últimos meses do ano são os de maior atividade nas firmas gráficas. Todas as Empresas industriais ou comerciais fazem encomendas vultosas, a fim de se aparelharem do material de expediente indispensável para o ano seguinte. E' nessa época que as oficinas duplicam ou triplicam a sua produção, fazendo os operários muitas horas de serviço extraordinário, para dar vazão

às encomendas feitas, com prazo fixo de entrega e cobradas sempre com uma percentagem regular sobre o preço normal.

Por fim, resta o terceiro item: o da concorrência das Empresas jornalísticas. Não sabemos se existe o fato apontado pelo presidente do Sindicato patronal, e se o material e o papel usados por aquelas, nos serviços de obras, têm as mesmas vantagens dos importados para a feitura dos jornais.

A nós não cabe apreciar o assunto. Se, de fato, existe uma concorrência desleal, os interessados deverão dirigir-se à Federação das Indústrias, que, por sua vez, certamente pedirá ao Governo as providências necessárias à extinção de tais vantagens, quando não se destine à imprensa (jornal) aquilo que é comprado pelas Empresas jornalísticas.

Como se vê, não procede a arguição dos srs. Industriais para negar-nos o aumento pedido, quando algumas firmas do gênero já atenderam, em parte, aos reclamos de seus empregados, indo tais aumentos provisórios até a casa dos 25%, como sucedeu na Livraria Francisco Alves, cujo diretor, compreendendo a grave situação de nossos companheiros que ali trabalham, não trepidou em lhes proporcionar a referida melhoria.

O que se quer, e isto está bem claro, é delongar a execução de uma medida indispensável àqueles que vivem de salário, numa época difícil para todos os trabalhadores. Desejam os Srs. Industriais levar-nos ao desespero a uma luta que pretendiam evitar. Deram-nos uma resposta que exige de nós determinação para acirrar a luta, por todas as formas cabíveis em direito, a fim de ver vitoriosa uma pretensão que é tanto mais justa porque representa a necessidade da própria subsistência.

Iremos primeiro ao dissídio, mas devemos nos organizar dentro de todas as oficinas, para fazer sentir aos empregadores a nossa inabalável vontade de levar até a vitória a luta em que eles nos lançaram.

Que os gráficos de casas-de-obras criem as suas comissões oficiais de salário, a fim de coordenar os esforços da corporação e forçar o breve atendimento de suas reivindicações.

Que a classe cerre fileiras em torno do Sindicato, no sentido de prestigiar-lo e torná-lo mais forte pela unidade da corporação gráfica.

Da união de todos os companheiros depende o êxito de nossa luta pela obtenção do aumento pleiteado."

LITERATURA E MILITARISMO

(Conclusão)

derrotas do exército soviético no período anterior a Stalingrado correspondiam em realidade a uma tática de "defesa ativa" elaborada pelo comando supremo. "E' preciso observar — disse — que em nossa literatura consagrada à Grande Guerra Patriótica, o primeiro período da guerra se idealiza com freqüência; é descrito como um período de ações clássicas da suposta defesa ativa. Com isto, entram os autores em contradição com a realidade e tentam apresentar o assunto como se essa defesa ativa houvera sido planejada e calculada pelo comando. Na realidade — continua Chatilov — o período inicial da guerra, tendo em conta a surpresa do ataque pelo inimigo e o fato da superioridade numérica de carros de assalto e de aviação, mostrou que não era favorável ao nosso país e ao seu exército, que, apesar da tenacidade e do valor dos seus combatentes, que defendiam cada polegada da terra natal, suportava amargamente a retirada. A primitiva interpretação, que deforma a crua realidade do período inicial da guerra, ou a omissão desta descrição nas obras científicas ou nas literárias, não pode ser tolerada porque desfigura a realidade histórica e orienta mal os homens, dando a impressão da possibilidade e quase da utilidade de semelhantes procedimentos no porvir."

Proseguindo, insiste o general uma vez mais no fato de que "a experiência da Grande Guerra Patriótica e a marcha ulterior da situação militar testemunham que, nas atuais condições, não só não diminuiu a importância da surpresa, senão que, pelo contrário, aumentou."

As declarações, quase simultâneas, dos quatro chefes militares a favor da importância da surpresa no encaminhamento da guerra futura pode ser interpretada racionalmente como sinal de que o exército soviético pensa em aplicá-las. E cumpre crer que por alguma razão escreveu o mencionado general Kornienko: — "O Partido Comunista e o Governo soviético exigem de todos os comandantes militares que abandonem tudo quanto haja de caduco no nosso sistema de preparação tática e operacional, tudo quanto já não corresponda às novas condições do combate, e que introduzam, nos preparativos, elementos que se derivem do desenvolvimento atual da arte militar e naval."

Com toda a objetividade desejada, parece-nos não poderem ser considerados pacíficos semelhantes escritos. Acrescentamos que o general Chatilov, na sua intervenção, salientou a necessidade de estar à altura técnica dos exércitos inimigos. "Devemos encarar, analisando, o conteúdo da ciência burguesa, levando em consideração o seu caráter social, político e metodológico reacionário. Assim, é indispensável estudar atentamente o desenvolvimento e as formas de emprego das suas técnicas militares, das suas armas e da sua arte militar." Seria evidente e natural que inquirissemos a razão pela qual acudiu ao general Chatilov expor esses pontos de vista militares numa conferência de escritores. O parágrafo seguinte do seu discurso mostra, porém, claramente, qual o seu objetivo: — "As nossas obras literárias, consagradas a temas militares, devem dar a conhecer aos leitores os aspectos fortes e os fracas dos exércitos e da ciência militar burgueses; devem incutir, por meios artísticos, no ânimo dos guerreiros soviéticos, as qualidades superiores, morais e militares, o valor, a vigilância constante, a aspiração de adquirir com perfeição os conhecimentos militares; estas obras devem ensinar a vencer".

QUEREMOS... E CREMOS

Queremos abolir radicalmente o domínio e a exploração do homem pelo homem; queremos que os homens irmanados por uma solidariedade consciente e decidida, cooperem todos voluntariamente para o bem-estar de todos; queremos que a sociedade se constitua com o fim de proporcionar a todos os seres humanos, os meios de alcançar o máximo de bem-estar possível, o máximo possível de desenvolvimento moral e material; queremos para todos, pão, liberdade, amor e ciência.

E para conseguir este fim supremo, cremos ser necessário que os meios de produção estejam à disposição de todos e que nenhum homem, ou grupos de homens, possa obrigar os demais a submeter-se à sua vontade nem exercer a sua influência de outro modo que não seja pela força da razão e do exemplo.

ENRIQUE MALATESTA

Segundo o general Chatilov, está claro que os escritores devem integrar-se na preparação da guerra. Acha-se esta mesma idéia no editorial da Literaturnaja Gazeta de 31 de maio, em que lemos o seguinte: "... uma só idéia domina todas as intervenções, a idéia do dever do escritor de participar da educação dos guerreiros soviéticos, da nossa juventude, no que concerne ao espírito de uma alta vigilância e à preparação militar para a defesa do trabalho pacífico da nossa Pátria."

No mesmo número de 31 de maio da Literaturnaja Gazeta, encontramos, a três colunas, exposição muito interessante do escritor Golubov, consagrada aos problemas "da prova militar-artística". Faz notar Golubov que a literatura anterior à guerra desempenhou papel de vulto na preparação do nosso povo para a Grande Guerra Patriótica. Quanto à função do escritor em tais preparativos, Golubov diz: "O escritor é o guia do seu tempo. Nas suas obras está o pensamento vanguardista da época. A literatura militar tem por dever explicar a forma em que nasce a força material e espiritual do povo, graças à sábia política do Partido." E, na mencionada exposição, Golubov afirma com insistência que a literatura militar se encontra ante três grandes problemas: "Encaminhar a crítica literária para a imprensa militar; encaminhar a imprensa geral para os temas militares, e encaminhar a imprensa militar para a literatura."

Tenta Golubov definir o verdadeiro papel da imprensa militar: — "Dizemos com freqüência que para lograr a derrota do inimigo é necessário tal carro de assalto ou tal canhão. Para isto, porém, que homem, que qualidades é necessário ter? O dever da imprensa militar é responder a estas perguntas."

Insiste, ainda, no fato de que os escritores, para cumprir as suas tarefas, devem adquirir conhecimentos militares. "Os comandos do nosso exército devem possuir com perfeição a arte de fazer a guerra. E o grau da sua preparação interior — para que cada um conheça a sua estratégia — deve ser grande. Também a literatura militar deve conhecer a estratégia e para lograr este fim deve poder orientar-se nos problemas de educação e de ensino, que somente pode realizar adquirindo formalmente conhecimentos militares, a arte de operação." Golubov sustenta igualmente que "a tomada de contacto dos escritores com a arte de operação abre, ante a prosa militar, caminhos para o descobrimento das doutrinas militares da burguesia." Por conseguinte, o escritor deve tentar realizar também esta função. E Golubov termina pateticamente dizendo: — "Cremos na vitória, porém sabemos que esta não pode ser nem será, rapidamente fácil." Porém, de que vitória nos fala?

Toda e qualquer correspondência de Redação e Administração deve ser enviada para a nossa Caixa Postal.

Para que haja vitória, é necessária uma guerra. Para crer firmemente na vitória é preciso crer também firmemente na guerra próxima. E, então, em que fica o pretendido apaziguamento? Quem diz a verdade? Os Bulgánie e os Kruchtshev ou os militares e os escritores soviéticos que falam da vitória segura?

Durou a conferência quatro dias. A Literaturnaja Gazeta do dia 2 de junho consagrou duas páginas completas à discussão e às intervenções de Wladimiro Rudny sobre os livros documentais e as memórias de guerra, e de Alexandre Krone com respeito ao tema militar na dramaturgia. Este último assim definiu o papel da dramaturgia militar: — "Temos necessidade de obras teatrais que, por meio da poesia dramática, inculquem na juventude amor cheio de orgulho às nossas armas, às nossa história militar gloriosa, ao nosso exército e nossa marinha, obras que possam levar um jovem a dar um passo decisivo: — o de escolher a carreira militar como a carreira da sua vida. O amor não pode ser imposto; pode, no entanto, ser inoculado. Só um escritor apaixonado pelo exército, pela sua vida, pelas suas tradições, pela formosura dos seus ritos e da camaradagem militar, é capaz de comunicar este amor aos demais. Necessitamos de obras teatrais que descrevam todos os aspectos da vida e dos costumes do militar profissional."

Há bastante fundamento na pergunta: — Porque a Rússia atual tem tanta necessidade de glorificar a carreira militar? Não será uma revelação de que, ao contrário do que se passa com os chefes, de que o povo e a juventude se sentem de todo indiferentes à carreira militar e de que têm repugnância à idéia de guerra?

I. LAZAREVITCH

(Traduzido da Revista Bimensal — "Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura", nm. de nov. e dezembro de 1955)

PERGUNTINHAS

PRIMEIRA. Acha você, meu amigo, perfeitamente justo que um cavalheiro qualquer seja o possuidor único de uma casa com dez ou doze andares, de quatro apartamentos cada qual, que os alugue por quatro, cinco, seis contos, cada um, êle que não carregou um balde de cimento, não moveu um sarrafo, não pregou um barrote, ao passo que as dezenas de trabalhadores que construíram o arranha-céu dormem num quarto estreito, sendo muitos forçados a dormir na própria obra?

Acha você tal coisa justa, moral? Se não acha, você está dando razão aos anarquistas. Se não acha coisa moral o fato apontado nesta primeira pergunta, não deixe de ler, no próximo número, a segunda pergunta. Durante o mês, vá relendo esta primeira pergunta e meditando sobre a monstruosidade desse fato.

O mais difícil para o indivíduo é abandonar a ideologia infusa, isto é, os ídolos: Estado e Igreja, nele metidos, e examiná-los para distinguir neles o falso, do verdadeiro. Indiscutível é que os indivíduos, num ambiente, apenas reagem; logo, não pode haver ação nem pensamento individual puros. Ora, para descobrir que Estado e Igreja são obstáculos à liberdade, imprescindível é pensar como Eu e não como carneiro.

Sem dúvida alguma, só o indivíduo é capaz de raciocinar. Não existe aquela entidade metafísica chamada espírito do povo, que pensa por todos. Povo é mera expressão do indivíduo multiplicada por milhares.

Todos os sistemas políticos e religiosos baseiam-se na exploração; são, por isso, freios ao progresso. Quem segue um deles fatalmente será seu escravo. Os chamados revolucionários políticos entram na conta, pois nada mais querem, que substituir o sistema vigente por outro, seu.

A história humana é luta de classes, mas também luta contínua contra os sistemas políticos, isto é, contra as formas de Estado e contra o Estado mesmo.

A tarefa mor do indivíduo não deve ser procurar outro sistema, senão verificar por si mesmo, como indivíduo e não como partidário, que todos os propalados sistemas políticos miram perpetuar uma situação econômica e social de escravidão para a maioria.

É sempre um grupo dominante, acorde com a estrutura existente e imposta, que determina pela força o ritual de adoração do novo ídolo. Em toda sociedade política, predomina a ideologia prescrita pelo espírito de classe. Essa ideologia avassala as escolas, a igreja, o teatro, a imprensa, as leis, e, desse modo, impregna as mentes do povo com uma concepção única, padrão, definindo depois o que é bom e o que é mau.

A crítica objetiva dos pensadores livres destrói facilmente essa ilusão. A crítica, realmente, é o fator decisivo, que instila nos indivíduos a dúvida sobre a validade da concepção dominante, tradicional. A crítica é um agente de decomposição, que abala a rotina, desorganiza os hábitos, desapruma os costumes, solapa crenças, aviva o ceticismo. A crítica objetiva esfaca os postulados do Estado e da Igreja.

Enquanto a sociedade se baseia na autoridade, a classe dominante se sente protegida e não vê motivo para alterar o sistema social, econômico e religioso. Só se assusta quando percebe, na classe oprimida, alguma alteração na ideologia por ela imposta. Essa alteração pode crescer e tornar-se força contrária.

Todas as revoluções foram e serão fruto da crítica. Por isso, o primeiro e essencial requisito para o homem é a capacidade de crítica. Com esta, êle começa a distinguir o real e o irreal no sistema existente. Desse pensamento, dessa crítica irão sair as ações rebeldes, as de não conformidade com a escravidão. A crítica é o fator que eleva gradualmente a inconsciência ao nível da consciência. Essa crítica exige grande dose de discernimento pois consiste, não em destruir valores, senão em perceber os valores verdadeiros.

O Estado é a Imoral Organizada

Por GERMINAL

Tomemos, por exemplo, o dinheiro. Abstratamente o dinheiro não possui valor. Tem o valor que lhe atribuímos. Quer dizer: se desejamos o dinheiro como poder, utilizamo-nos dele como valor e desse modo, damos valor a algo que, em realidade, não o possui. Todos os valores são relativos.

Assim é o Estado para nós, anarquistas. É valor negativo, porque negamos todos os sistemas políticos, pois são galgas aprisionadoras da mente e exploradoras do indivíduo. Nesse sentido, somos utopistas.

Que é um utopista? É o indivíduo cuja ideologia difere das ideologias predominantes. Nem toda idéia discordante da situação atual é utópica; só o são as que transcendem a realidade e, postas em prática, destroem de todo, a ordem existente.

Os eternos exploradores do trabalho humano e seus lacaios, os políticos, objetarão ser amoral essa teoria pois ultraja os sagrados direitos dos possuidores. Mas, também a moral é um valor relativo.

Suponhamos que se instaure a Anarquia, onde a posse é considerada mal e imoral o sentimento de possessividade. Não perderia a moral de hoje todo o seu significado?

Os moralistas atuais afirmam ser a moral a opinião pública. Ora, a opinião pública supõe perfeitamente ética, moral, a posse dos bens; mas, essa opinião é claramente falsa, pois o que, para o ladrão protegido pelo Estado, é bom, nunca o será para as vítimas.

Somos escravos de uma moral cuja base é a mentira, o homicídio, a violência, o roubo, a injustiça, atos esses imorais. E é isso o que, tradicionalmente, os homens aceitam e se denominam moral.

Todo nacionalismo assenta numa moral que separa as pessoas porque sua base é a exploração do trabalho da coletividade por alguns, em proveito só deles.

O Estado que assegura essa imoralidade é, pois, a imoralidade organizada.

O nacionalismo, utilizando o patriotismo como instrumento, é o causador das guerras.

Nacionalismo é a expressão principal dos poderes. Possui todas as exigências de uma religião rigorosamente dogmática, firmemente enraizada na alma individual, ainda mais firmemente, que a religião.

Os ideais, os símbolos do Estado, as noções de mãe-pátria, a bandeira, o hino nacional, etc., são tabus típicos, mais perigosos

de tocar, nos países altamente civilizados, que os tabus dos selvagens canibais nos mares do sul. Nenhum homem, nenhum partido se atreve a tocar nessas reliquias, ninguém ousa criticá-las. No entanto, é forçoso dizê-lo: o seu culto é a principal fonte das desgraças de todas as épocas.

Ora, os Estados europeus escondem seus instintos pagãos sob a capa de cristianismo. Em todos esses países, o nacionalismo é considerado política cristã. Em toda parte, o espírito pagão é cultivado sob a cobertura de um cristianismo falsamente interpretado. Em todos os campos de batalha assolados pela guerra, padres cristãos marcham com as tropas, carregando o símbolo do filho de Deus, esse filho que procurava a paz e o amor. E todos os chefes de Estado favorecem essas crenças, não por estarem convencidos de sua verdade, mas por saberem mais fáceis de governar os súditos crentes e ignorantes, que os raciocinadores, os habituados a pensar livremente. Por isso, em todas as cerimônias oficiais, nas inaugurações de escolas, quartéis, fábricas de armas, bancos, etc., a par do representante do governo aparece o representante do papa ou do Dalai-Lama, a glorificar o valor da fé e as belezas da religião.

Calcadas nessa fé dogmática, surgem as igrejas e se avigoram crenças e o indivíduo não percebe serem elas obstáculo à compreensão da realidade presente.

Isso porque, ao nascer, não pode o indivíduo preferir, escolher. Tem de aceitar a religião dominante, a nacionalidade, o Estado, como tem de aceitar a língua, os costumes, as leis, a mentalidade e a êles e elas habituar-se, irrefletidamente, premido pela opinião geral.

Os Estados com suas classes e organização, o matrimônio, a educação, o direito, isso tudo, só tem força e permanência por causa da credulidade da massa.

Para compreender o que é real e o que é irreal, indispensável é ao indivíduo não ter crença ou preconceito; êle há de encarar a realidade com mente libertada, crítica, incorruptível, não obnubilada pelo dogmas da religião ou do nacionalismo.

A mente, o pensamento e o sentimento são resultados do ambiente e, enquanto fomos escravos desse ambiente não pode haver compreensão. Temos de dominar o ambiente; mas, para dominá-lo, temos de ver o que êle realmente é.

Isso quer dizer que o ambiente é o sistema de organização estatal combinado com o sistema de organização religioso.

Muitas são as condições impostas pelo Estado e pela Igreja. O indivíduo aceita-as, inconscientemente, como valiosas. Enquanto não rompermos o falso ambiente da sociedade estatal e da religião, permaneceremos eternos escravos.

Goethe define, no Fausto, a natureza do diabo "uma parte daquele poder que deseja constantemente o Mal, mas cria constantemente o Bem". O homem está precisamente no polo oposto ao de Mefistófeles. É uma parte daquela força que deseja constantemente o Bem, mas, apesar disso, constantemente pratica o Mal.

Bau de Lembranças

RETIFICAÇÃO

Do nosso incansável companheiro José Romero recebemos o seguinte pedido de retificação:

"Companheiros de AÇÃO DIRETA! Saúde! Com referência à nota que saiu na seção *Bau Velho*, no n.º 101, ao pé da pcesia *O Cavador* onde se diz: "editado pelo incansável companheiro italiano Pietro Matera", deve-se dizer: redatado, composto e paginado pelo saudoso companheiro Manuel Moscoco, nascido em Espanha, provincia de Málaga, filho de camponeses e criado em São Paulo".

Moscoco fez parte, com Neno Vasco, Edgard Leuenroth e outros, do grupo editor do jornal anarquista *O amigo do povo*, iniciado em 1902, crendo eu, salvo erro, ser esse periódico o primeiro em S. Paulo para propagar nossas idéias, em português. Mais tarde fez também parte do grupo de *A Terra Livre*. Em 1904, Moscoco veio para o Rio. Seu ofício era o de sapateiro e, em 1907, resolveu aprender linotipia, trabalhando então na *Gazeta de Notícias* até 1911 ou mais. Por esse tempo, foi para a Argentina onde, em 1912 ou 1913, redigiu, com o pseudônimo *Ivan*, o jornal *La Protesta* de renome na história anarquista da nação vizinha. Nesse ano, *La Protesta* tinha de ser editado clandestinamente. Moscoco morreu em casa do companheiro Barrera ou da família Borobio.

Outra retificação. Pedro Matera tinha uma escola em Vila Isabel chamada: "Escola Livre 1.º de Maio". Do seu periódico *Liberdade* nada pude conseguir. Parece que tudo se perdeu.

Nota de AÇÃO DIRETA. Os companheiros de AÇÃO DIRETA têm enviado esforços para descobrir uma coleção completa ou incompleta ou até números esparsos do periódico *Liberdade* de Pedro Matera. Se algum companheiro do Brasil tiver exemplares disponíveis pedimos encarecidamente que no-los envie ou indique onde se acham.

O PARA-RAIOS NA IGREJA
VEIO MOSTRAR AOS ATEUS
QUE O CRENTE, POR MAIS QUE O SEJA,
NÃO TEM CONFIANÇA EM DEUS.

Essa quadra que se acha em oportuníssimo livro prestes a sair do prelo, é uma versão da quadra abaixo, que, no n.º 101, de AÇÃO DIRETA, por arte de algum padre, saiu com um "gato" metido na igreja, pois em lugar do e dessa palavra, saiu um a.

O PARA-RAIOS NA IGREJA,
VEM DEMONSTRAR AOS ATEUS
QUE O PADRE RECORRE A CIENCIA
PORQUE DUVIDA DE DEUS

A LOCAÇÃO DE IMÓVEIS DOS INSTITUTOS

Em tempos idos que não vão muito distante, o mandarin que governava este país "determinou aos Institutos e Caixas de Previdência Social fizessem baixar o preço do aluguel dos imóveis que locaram a trabalhadores. Repercutiu simpaticamente no meio dos mais diretamente interessados na providência aquela recomendação do Chefe do Governo. Passada, porém, a primeira impressão e arrefecido o entusiasmo das primeiras horas, eis que no seio mesmo das classes trabalhadoras surgem apreciações, que consideramos judiciosas, em torno da decisão presidencial, em princípio merecedoras dos mais ardentes aplausos, as quais devem ser meditadas pelas autoridades. É lembrado, com efeito, o fato de estar um considerável número de apartamentos, pertencentes às referidas instituições de previdência social, alugados por preços que não dão sequer para as despesas de conservação. E o pior é que nem todos os ocupantes de tais imóveis são contribuintes das entidades locadoras, cujos dirigentes, exorbitando dos poderes que a lei lhes confere, expressa ou implicitamente, passaram, abusivamente, a contemplar afilhados e protegidos seus, estranhos aos quadros dos respectivos segurados, em detrimento de milhares de trabalhadores legitimamente habilitados a ocupar os lugares de que se viram, assim, espoliados. Há, por outro lado, o caso dos segurados que estão pagando aluguéis altamente onerosos para a sua condição de trabalhadores. São os aluguéis novos, que as instituições previdenciais estão cobrando caro, precisamente aqueles que necessitam de sua ajuda. O que se impõe como solução para o caso — já que se contava com boa vontade inequívoca por parte do presidente da República — é um reajustamento geral de preço de tais locações, de forma que se eliminem os privilégios em benefício dos sacrificados. Uma revisão completa e moralizadora de todos os contratos de locação que tenham por objeto imóveis pertencentes às aludidas autarquias, eis o caminho."

Apesar das recomendações do chefe do governo daquela época a situação dos locatários dos Institutos modificou-se para pior. Os aluguéis continuam sendo cobrados arbitrariamente, sem levar em conta que a construção dos apartamentos foi realizada com a arrecadação compulsória dos empregados, para facilitar moradia aos trabalhadores que não tinham, não têm e nunca terão recursos necessários para a aquisição de casa própria. E que os diretores dos Institutos precisavam do dinheiro arrecadado para emprestá-lo ao governo que, apesar de ser contribuinte por lei, nunca pagou coisa alguma aos Institutos. O restante do dinheiro disponível é para pagamento das excessivas folhas de funcionários autárquicos que ali são colocados para formar uma aristocracia burocrática, cuja única finalidade se resume em tornar difícil o que é fácil e dificultar, cada vez mais, a vida do trabalhador.

SÔBRE A EDUCAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS

Muito se tem dito e escrito sobre a educação social e a capacitação da juventude, porém, a meu ver, são bem poucos os propagandistas afins, que têm focalizado, com acerto, o tema em lide. Vários companheiros veteranos que têm lutado como leões contra todas as tiranias, desde a idade de quinze anos, com o único fim de conseguir a emancipação dos oprimidos, desgostam-se — e com razão — de ver a ignorância em que se acha mergulhada a juventude de hoje, no que toca à educação social. E isto ocorre, de um lado, porque ela somente se preocupa com o esporte (verdadeira e potente arma do capitalismo e do Estado) uma vez que se entretém e se fanatiza com as competições do ciclismo, do box, do futebol, etc. É inútil repetir o já dito por bom número de companheiros, em relação ao esporte de bilheteria e competição com cujas opiniões condenatórias me encontro de todo identificado.

Existem, porém, outras causas mais profundas que determinam esse estado de cousas. Porque, no fim de contas, — quem é o culpado de que a juventude não se interesse pelos problemas sociais, pelo porvir dos povos, e pelo futuro dela mesma, pelas idéias altruísticas? A meu ver, são muitos dos velhos companheiros que não se ocupam da juventude como deviam, levando a cabo uma propaganda oral e escrita, persistente, clara e concreta, capaz de lhe captar as simpatias e de induzi-la ao campo libertário.

A juventude de hoje é o porvir de amanhã; ninguém o duvide. Por conseguinte, se esta é consciente e deci-

dida, o porvir aparecerá brilhante e nêlo poderão esplender os ideais de liberdade e de justiça por que anelamos. Se, pelo contrário, não nos preocupamos com os jovens, deixando-os permanecer indiferentes aos problemas sociais, ocupados unicamente com o esporte, que os embrutece, assemelhar-se-ão os homens de amanhã a rebanhos de corderinhos e, então, um futuro sombrio ameaçará a humanidade.

Eu sou um jovem libertário que gosto de esporte — ciclismo, futebol, pilotar barco e, sobretudo, natação, que pratico bastante. Só o faço, porém, como exercício muscular, para a saúde do meu corpo e como distração nos meus escassos momentos de ócio. Jamais me passou pela idéia, o exercitar-me para chegar a ser profissional e fazer disto meio de vida, o que acontece a muitos que abandonam o trabalho para viver do esporte.

O mais grave, no meu entender, é que muitos velhos companheiros, aos quais ninguém pode negar a qualidade de haverem sido excelentes lutadores, hoje, por cansaço ou por apatia, se desinteressam realmente de tudo; e até conheço muitos deles que repetem constantemente que é necessário atrair a juventude para as idéias. No entanto, eles têm filhos maiores de 18 e 20 anos aos quais não ensinam nada, nem de idéias, nem de lutas sociais. Poderia nomeá-los, mas não julgo prudente. Porque tais companheiros, em lugar de lamentar-se, não começam por convencer os filhos, dando assim exemplo? Dizem outros que os jovens foram absorvidos pelo ambiente. Pos-

AÇÃO DIRETA

Encontra-se à venda, no centro, nas seguintes bancas:

Na E. F. C. B. (na rampa de saída).

Em frente à Light.

Na rua Marechal Floriano, esquina de Conceição.

Visc. de Inhaúma, esquina de Av. Rio Branco.

Av. Rio Branco, esquina de Sete de Setembro.

Galeria Cruzeiro, esquina de Bittencourt da Silva.

Av. Rio Branco, esquina de Bittencourt da Silva.

Lapa (ponto de bondes).

Uruguiana, esquina de Alfândega.

Largo de São Francisco, esquina de Andradas.

Praça Tiradentes, esquina de Sete de Setembro.

PREÇO: Cr\$ 2,00

so a isso responder que eu mesmo entrei em França ainda menino, mas não me esqueci das lições sobre idéias ácratas recebidas de meu pai. Morreu meu pai faz alguns anos, eu porém, continuo a sua obra e a dos nossos. Isto ao menos — e pesa-me ter de dizê-lo de mim mesmo — é um trabalho efetivo.

É certo também que isso ocorre porque a propaganda se ressentida da falta de atividade no sentido de captar a juventude. Felizmente, agora, se iniciou a publicação da "Novela Ideal", em língua francesa. Isso está bem; creio, no entanto, que seria conveniente reeditar o famoso folheto de P. Kropotkin intitulado "Aos Jovens". É já velho, mas é ainda de palpitante atualidade. Outro folheto que julgo importante é o editado, em 1945, pelos companheiros da Bretanha, na "editorial Libertad", sob o título de "Esboço da autoeducação dos jovens", por Dédalo. Acho otimos ambos os folhetos e creio que se devia orientar a propaganda em tal sentido, pois, se queremos alcançar a liberdade integral dos povos, é preciso começar por conquistar as simpatias da juventude.

J. CORTES

★

A respeito do artigo acima, escreveu A. Gonzalez em C.N.T. n.º 541, o artigo abaixo.

★

Mais sobre a orientação juvenil

Li o artigo do companheiro J. Cortés, em "C.N.T." n.º 538, que trata, com clareza meridiana, da triste realidade da conduta atual da juventude sobre cultura, idéias, etc.

Com efeito, no que concerne aos jovens, estou completamente identificado com esse companheiro e me congratulo de que haja quem diga desembaraçadamente a verdade, ainda que ela seja amarga. Sou partidário de apontar os nossos defeitos para corrigi-los.

Em seu artigo, Cortés diz: "O mais grave, no meu entender, é que muitos velhos companheiros aos quais ninguém pode negar a qualidade de haverem sido excelentes lutadores, hoje, por cansaço ou por apatia, se desinteressam realmente de tudo; e até conheço muitos deles que repetem constantemente que é necessário atrair a juventude para as idéias. No entanto, eles têm filhos maiores de 18 e 20 anos, aos quais não ensinam nada, nem de idéias, nem de lutas sociais".

Sim, é isso uma realidade; eu o vejo e verifico com dor no coração. Conheço também muitos jovens robustos e com certa instrução, filhos de companheiros veteranos, criados aqui no exílio com seus pais. Os pais falam das nossas idéias por toda a parte, mas em casa, imagino que devem falar pouco das nossas cousas, porque os filhos não sabem nem o A B C da acracia, nem o que é a nossa organização, nem como marcham as J.J. LL., nem o que é o C. Libertário; sabem somente, alguma coisa de esporte. Que a juventude, depois do trabalho e das suas horas de estudo, se entregue às suas expansões favoritas, é normal e natural, próprio das inquietudes juvenis. Mas o inadmissível é que a imensa maioria dos filhos dos companheiros desconheçam as nossas idéias. Digo a maioria, por não haver regra sem exceção, mas é lamentável, repito, que a maioria dos filhos dos companheiros procedam como indiferentes ou como os filhos de burgueses em relação às lutas sociais de emancipação.

Se pudéssemos ter nas nossas Juventudes Libertárias, em França, 80 por cento dos filhos dos companheiros exilados neste país, poderíamos, então, estar satisfeitos e as nossas J.J. LL. no exílio seriam potentes, capacitadas; em resumo, a escola de militantes para amanhã.

Que os filhos das pessoas sem ideal e os filhos de homens de palha se ocupem somente de esporte de bilheteria e centros de embrutecimento, tem uma explicação. O que não tem justificativa é que a quase totalidade dos filhos de companheiros, velhos militantes, tudo ignore das nossas idéias.

(Conclui na 4.ª pág.)

Para Maior Glória de Satanás

Por PEDRO BOTELHO JUNIOR

SATANÁS, "RELIGIÃO" E POLÍTICA

Recentemente tivemos oportunidade de ler um livro, ofertado por um católico, apostólico, romano, cem por cento, livro esse composto e impresso nos Estados Unidos e profusamente distribuído no Brasil. Dizemos distribuído porque é vendido na praça por preço de galinha morta, a título de propaganda. Está cheio de erros tipográficos e gramaticais, mas compreensível para quem sabe ler e analisar.

O título é "Religião"; mas, se o tivessem batizado com o nome de "História de Satanás", "A luta de Deus contra o Diabo" ou "A luta do Diabo contra Deus", estaria mais de acordo com o texto, que, de princípio a fim, fala mais no anjo rebelde do que em qualquer outro anjo da corte celestial.

O livro parece destinado a defender a religião católica, embora o seu autor não seja do rebanho da "Internacional Negra", pois acusa Satanás de ser autor de tudo quanto ruim praticam os súditos do Vaticano, os quais, nos países centro e sul-americanos, dominam completamente os governos. (A Colômbia e depois a Argentina são uma prova eloqüente e irrefutável). Ao lado da copiosa citação que o autor faz de versículos da Bíblia (em contradição uns com os outros, como aliás acontece com todos os textos religiosos), tece comentários em torno da atividade dinâmica de Satanás, sempre em luta com o seu adversário (o Deus dos católicos), pela dominação espiritual do Mundo.

Alguns episódios merecem ser citados e comentados, por não serem de autoria de Deus nem do Diabo, mas praticados por seres humanos, cuja consciência é mais negra que a batina de um cura de aldeia.

Por exemplo, quando o autor diz: — "O dia do ajuste de contas se aproxima. E vós, ricos, chorai, dando urros por causa das desgraças que háo-de cair sobre vós. Vossas riquezas estão corruptas. Vossa prata e vosso ouro estão manchados de sangue inocente, pois foram acumulados à custa da fraude que cometestes contra os trabalhadores. Tendes vivido gozando a delícia de todos os prazeres e, de tudo isso, deveis prestar contas ao Criador" — está dizendo a verdade, menos na parte final, referente à prestação de contas, que devia ser feita aqui, na terra, onde os culpados receberiam o justo castigo pelo crime praticado contra os seus semelhantes. Agora, quando afirma: "Em toda essa orgia de embriaguez e devassidão, a religião católica toma sempre a dianteira" — é cem por cento exato. Apenas o Diabo não toma parte no festim. Mais adiante, porém, ao citar trechos de história dos tempos antigos e modernos, o autor refere atos de violência praticados pelos católicos, atribuindo-os a Satanás. Nada menos exato. O ataque sofrido pelo "justo homem Lot" cujos autores tentaram violentá-lo, assim como praticar atos de sodomia com os visitantes que em sua casa se encontravam, foi levado a efeito por elementos católicos, sem interferência do Diabo. Satanás, preocupado com a luta pela liberdade absoluta para todos os homens e mulheres, não iria perder o seu precioso tempo insuflando os seus seguidores à prática de atos imorais. Os autores do atentado iremos encontrá-los mais facilmente nos antecessores dos papas, padres e filhos de padre que habitam em palácios, mosteiros, conventos e sacristias, onde os atos de pederastia são tão comuns como ouvir missa todas as manhãs.

Outro trecho interessante, este sobre política, é quando o autor refere que, em 23 de dezembro de 1939, vésperas da comemoração do "nascimento" do menino Jesus, o presidente dos Estados Unidos nomeou um embaixador para o Vaticano. Esse embaixador foi enviado ao Papa como representante pessoal do presidente, mas custeado pelo Tesouro dos E.E.U.U., a fim de ajudar nossos esforços paralelos pela paz e alívio dos sofrimentos da Humanidade. Desde aquela época o povo norte-americano teve que aceitar o Papa como principal chefe da religião daquele país e ligado oficialmente ao governo dos Estados Unidos. O cardeal Spellman, apontado como futuro Papa, é uma prova irrefutável.

O embaixador nomeado para o Vaticano — notem bem os leitores, — chamava-se Mirion C. Taylor, ex-chefe da "United States Steel Corporation", uma das maiores organizações na fabricação de armamentos de guerra — diz o autor.

O Papa recebeu o representante norte-americano de braços abertos e com a mais indifereável satisfação. Pudeira!

Pouco tempo havia decorrido da terminação da guerra civil espanhola, com a colaboração da Itália, Alemanha e da Internacional Negra, para esmagar brutalmente o povo espanhol, tivemos a maior hecatombe de todos os tempos: — a segunda guerra mundial, com o epílogo da bomba atômica sobre o Japão, cujas cicatrizes permanecem abertas até agora. Quem abençoou os canhões, espadas e navios de guerra não foi o Diabo. Foram os representantes de Cristo na terra...

Finalmente, o autor de "Religião" insiste em afirmar que os católicos, apostólicos, romanos, quando praticam atos de sodomia e se imiscuem na política estão possuídos pelo demônio e que a única maneira de consertar o Mundo é seguir a palavra e os ensinamentos de Jeová, outro Deus Todopoderoso, que também pretende dominar o Universo com a criação de uma grande Teocracia. E Teocracia, segundo explica o dicionário é: "governo em que o poder reside na classe sacerdotal".

Francamente, esses católicos, protestantes, bíblicos ou o que mais existe por aí com o nome de religião, são uns pándegos que pretendem divertirse à custa dos menos providos de raciocínio. E grandes patifes, quando afirmam que a humanidade só se salvará quando todos os habitantes da Terra obedecerem cegamente à palavra de ordem de qualquer um que apareça por aí proclamando-se Deus do Céu, da Terra, ou de qualquer outro planeta imaginário.

Depois da leitura do livro, as conclusões lógicas a que chegamos é fazer uso daquela guilhotina portátil imaginária que o filho de Satanás adotou como sua arma secreta. Ad Majorem Satanæ Gloriam.

COMO SEMPRE A INGRATIDÃO DOMINA OS CATÓLICOS

O Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, o político número 1 da filial do Vaticano no Brasil, falando pelo rádio no dia do encerramento da propaganda dos candidatos à presidência da República, teve palavras de censura aos governantes deste país que tantos e tão proveitosos benefícios têm proporcionado aos súditos do Papa Pio 12.

A série de polpudas subvenções concedidas à Igreja foram tão escandalosas que houve protestos, os mais veementes, contra a maneira fácil com que as viúvas negras enchiam os bolsos no Tesouro e no Banco do Brasil. Como sempre, a ingratidão domina completamente o cardeal, que assim falou pelo rádio:

"Queixas não faltam em todos os setores da vida pública. O que se lamenta em todos os ramos é a falta de seriedade, de moral na administração do erário público, na aplicação das penalidades, nas nomeações para cargos de responsabilidade, no cumprimento de deveres de Estado... enfim, de consciência".

O trecho transcrito está endereçado ao governo que deixará o poder no próximo mês de janeiro. E aos anteriores também. São todos iguais. Conseqüentemente, o novo governante deve ser mais honesto com os dinheiros públicos, fechando as portas do Tesouro aos agentes sanguessugas do Vaticano, já que eles não se conformam com o que recebem. São insaciáveis! Querem mais, sempre mais! Portanto, cuidado com eles, porque, apesar de tudo, já tomaram posição junto ao futuro governo, de acordo com o seguinte esquema publicado nos jornais: — "colocar-se bem para gozar proventos que lhe não são devidos, aumentando as injustiças sociais, a separação de classes, as desconfianças mútuas e o descontentamento geral."

Confiemos no futuro

Por CRISTOBAL GARCIA

(especial para AÇÃO DIRETA)

Todos os Estados, governos e ditaduras, pouco importa o nome e a estruturação que se lhes queira dar, são inimigos dos direitos fundamentais do homem. Não se trata especialmente de Rússia nem de Estados Unidos, de um regime chamado democrático numa zona terrestre e apelidado totalitário em outra. É, essencialmente, o Estado com seu exército, sua polícia, clero, cárceres e antros de tortura, crescendo diariamente em poder e tirania, monopolizando, centralizando, acrescentando, sempre mais, a dependência do homem, consagrando, com a violência, uma totalitária servidão!

Em pleno século XX, a evolução social requer e aconselha aos povos em geral, romper com tudo o que significa política, mitos ou slogans, arremeter, com força, contra todas as fórmulas de finitude porque todas, absolutamente todas, tratam somente de atrofiar as mentes das multidões, de fanatizá-las e escravizá-las, submeter indivíduos e povos a seus caprichos, a seus artigos de fé política ou estatal e impedir-lhes iniciativas e pensamentos livres na conquista dos seus direitos naturais de subsistência física, moral e intelectual, com sua plena expansão.

Todas as fórmulas e sistemas postos em voga pelos Estados e ditaduras têm falhado redondamente, porque não podem criar ambiente de moralidade e paz visto serem contrárias à natureza das mesmas. Igualmente, todas as conferências internacionais! Parecem ridículos os clamores de alguns, poucos, de projeção internacional, que pedem concordância para evitar-se nova matança. Suas vozes perdem-se ante a fúria da corrida armamentista e os clamores angustiosos dos povos se nublam ante a rebeldia e despotismo dos seus governos.

Malograram-se, também, porque entraram em crise, total e definitiva, quase todos os seus valores: o liberalismo, porque seu "deixar fazer, deixar passar", transformando-se em "rouba quanto possas e como possas" esfrangalhou o ideal da Primeira Associação Internacional dos Trabalhadores, que tentou unir os trabalhadores do mundo por cima das fronteiras geográficas, linguísticas e raciais; porque o proletariado organizado da Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos da América do Norte fez causa comum com seus respectivos governos nacionais, imperialistas, guerristas, militaristas e plutocráticos nas guerras mundiais de 1914-18 e 1939-45, tendo esta custado aos povos a esterreciente cifra de 50 milhões de mortos.

A posição da social-democracia alemã, resumida na célebre frase: "acima de socialistas, somos alemães" foi adotada pelos socialistas do restante do mundo. Falhou a profecia messiânica do marxismo, alicerçada num falso conceito fatalista da história. Os sofismas de Marx, tão sedutores pelo minuciosamente elaborados, batidos em linguagem falsamente científica, deram em palavrado metafísico. Ruiu a utopia sindicalista da greve geral como trampolim da Revolução. Esborçou-se a quimera parlamentar tão cara aos socialistas de todos os matizes.

A mais colossal e catastrófica de todas as falências foi a revolução russa. A maioria do partido social democrata russo — cegamente depois bolchevique, hoje transformado em partido comunista — estrangulou a revolução, guiada por Lênin e Trotski, mediante a chamada ditadura do proletariado, composta da antiga nobreza de toga e espada, ao implantar um Estado totalitário, que serviu de modelo a Hitler e Mussolini. Mirrou a Revolução Russa porque não havia lá um verdadeiro movimento sindical, como disse Volin em seu livro A Revolução desconhecida.

Os stalinistas já não poderão enganar a classe trabalhadora porque, de suas próprias filas, surgem hoje os rebeldes que, por imperativos de consciência, põem a descoberto suas falsidades; porque os países por eles agora oprimidos e soviéticos, como Polónia, Hungria, Romênia, Bulgária, Tchecoslováquia, Albânia, Mongólia, China, Coreia do Norte e Alemanha Oriental, serão os primeiros a levantar-se contra essa odiosa tirania.

Hoje, todos os métodos de dirigismo estatal, inaugurado pelos bolcheviques, se praticam mais ou menos extensamente, em todos os países. A nomenclatura político-social dos comunistas — estragou a revolução, guiada por Lênin e Trotski, mediante a chamada ditadura do proletariado, composta da antiga nobreza de toga e espada, ao implantar um Estado totalitário, que serviu de modelo a Hitler e Mussolini. Mirrou a Revolução Russa porque não havia lá um verdadeiro movimento sindical, como disse Volin em seu livro A Revolução desconhecida.

O sistema capitalista e o estatal se fundem a passos agigantados na terra amolecida com o sangue de suas vítimas e, em seu último estertor, intenta arrastar a humanidade ao mais insuspeitado caos.

Essa é a grande verdade! A tarefa imediata, urgente, aqui e em todas as partes, é a reconquista revolucionária e libertária dos sindicatos, porque o sindicato há de sofrer, forçosamente, uma transformação evolutiva tão grande e conjunta, que não conservará, dos atuais sindicatos, nada mais que o nome, se conservar. Sobre a base inicial do trabalho organizado pelos próprios trabalhadores, tal que assegure não para todos, não de ir surgindo as instituições do futuro, que nenhuma visão humana pode prever, tão infinita sua variedade.

Não obstante, devemos estar dispostos a dar essa grande batalha sem perda de tempo, já que agora, tendo falido todas as escolas e sistemas autoritários, virá a experiência corroborar as premissas dos teóricos do socialismo libertário e, em particular, de Proudhon e Bakunin.

Em cada rincão do mundo onde nos encontrarmos, deste ou do outro lado da cortina de ferro, devemos atuar com audácia e valor. Agora já sabemos, por experiência, como se há de fazer uma revolução social. Embora o problema não seja de classe, porque toda a humanidade se acha em perigo, compete à classe obreira mundial, a ela exclusivamente, salvar a situação. Confiemos no futuro e em todos.

VIOLENCIA DO ESTADO

DIGNIDADE DA REBELDIA

Por Y. TATO LORENZO

Todos os governos são inimigos dos direitos essenciais do homem. As lições da História confirmam esta apreciação relativamente à posição autoritária e tirânica do Estado. Não estão em jogo estas ou aquelas instituições, melhores ou piores, velhas ou novas. Monarquias ou repúblicas, sistemas unitários ou colegiados, pesam por sua política e por sua economia sobre a sociedade, explorando e oprimindo. Vítimas da violência e da propriedade são os homens que produzem, os que se vêem despojados arbitrariamente dos frutos do seu trabalho.

Não se trata nem da Rússia nem dos Estados Unidos, de um regime chamado democrático, em uma parte da terra, e chamado autoritário em outra. É o Estado, com os seus quartéis, com os seus cárceres, com os seus antros de torturas, com o seu trabalho mediante salário miserável, ou sem salário, como trabalho de escravos, que está crescendo cada vez mais em poder e tirania, centralizando, monopolizando, aumentando mais e mais a dependência do homem impondo pela violência uma totalitária servidão.

O Estado, por meio das suas leis e decretos, é o dono dos descobrimentos científicos na era atômica. Com razão nos diz Clemente Estable, um dos notáveis cientistas uruguaios, em reportagem ultimamente publicada, "que os grandes males da Humanidade, no nosso tempo, provêm da centralização do Poder, das riquezas e dos meios de produção nas mãos de poucos". Ao mesmo tempo, confirma tudo quanto têm dito os pensadores anarquistas, "que os meios de produção, assim como as conquistas da ciência, são comuns". E, referindo-se ao Estado, ainda sem nomeá-lo, Estable diz que "quem se apodera da ciência e a usa, como coisa sua, contra o homem peca contra a humanidade."

A era atômica está convertendo-se no reinado do Estado totalitário que se apodera de quanto lhe possa ga-

rantir prepotência, império, dominação. Fabrica e faz circular o dinheiro, que é corrente dinâmica da sua economia e da sua política. Apodera-se dos inventos e dos descobrimentos dos homens de ciência, da planificação funcional dos técnicos e da obra dos trabalhadores, nas questões atômicas. Sem maiores obstáculos, salvo as rebeldias individuais ou de pequenos grupos humanos, é o Estado dono absoluto dos meios máximos de destruição e morte, evoluindo até a onipotência.

Quem tenha exaltado o Estado e, em vez de combater o princípio de autoridade, o haja fortalecido, é artífice do despotismo e do terrorismo que hoje pesa sobre o mundo. Homens de ciência, técnicos e os próprios trabalhadores, em vez de rebelar-se contra o Estado, converteram-se nos seus principais colaboradores, contribuindo, assim, para o desenvolvimento das forças destruidoras da humanidade.

Em conceitos nobres C. Estable, na reportagem a que antes nos referimos, diz-nos: "tive grandes esperanças em que a Unesco pudesse educar a ONU... Lamentavelmente se verifica um processo contrário e a ONU já está educando a Unesco". O Estado, a associação dos Estados criou a Unesco para servir os Estados e não para opor-se a eles. Por isso, não passam de puras mentiras as convenções e proclamações da Unesco, acerca dos direitos do homem, do respeito à pessoa humana e das possibilidades do indivíduo de viver livre e soberano.

"Tudo o que emana da ciência — diz-nos Estable — destina-se à vida e o homem de ciência não deve deixar que se deforme e tergiversar. É por isso que o homem de ciência deve resistir a tudo o que o force a não atuar como tal e ater-se à verdade e à liberdade".

Não somente os homens de ciência devem lutar para que as suas criações não aumentem o Poder destruidor, de violência e de morte do Estado, mas também, junto com eles, devem rebelar-se e lutar os técnicos e os traba-

O Partido Comunista na Itália

Na edição francesa do Reader's Digest, Selection, de setembro último, publica-se um artigo de André Visson intitulado L'Italie se libère.

Nêle se mostra como vão os bolchevistas, ditos erradamente comunistas, decaindo nesse país, muito depressa, quer nas urnas quer nas fábricas.

Até 1953, era o P. C., na Itália, fortíssimo. Ganharam nesse ano, conjuntamente com os socialistas, 35,4% dos sufrágios italianos. De 1953 vão os bolchevistas em declínio sensível. Quais as causas desse declínio? É claro que, para nós, anarquistas, muito interessam opiniões fundamentadas sobre tal assunto.

Os comunistas, pensa Visson, têm cometido, na Itália, erros graves. O primeiro formula-se assim: "O erro maior é o que invariavelmente renavam por onde quer que andem: animados de intempestivo zelo, empenham-se em fiscalizar todos os aspectos da vida dos inscritos no partido". Ora, na Itália pelo menos, esse demorado zelo virou-se contra eles.

Os italianos, explica Visson, individualistas por tradição, toleram mal a canga dos coletores, os, digamos, espíes do partido, ou, atenuando um pouco a denominação, os vendedores, os fiscais. "Esses coletores, diz Visson, imiscuem-se na vida dos 2.500.000 membros do partido, apanham-nos para que paguem as cotas, assistam às reuniões, cumpram as tarefas confiadas". Esses coletores eram 74.000. Hoje são 139.000, quase o dobro, evidenciando o tremendo esforço dos chefes na manutenção da rígida disciplina do rebanho. "A assiduidade às reuniões vai cambiando, cresce o número das defecções particularmente nas províncias do Norte e Centro, de obediência comunista".

O segundo erro, conseqüente ao erro-mor, o da centralização excessiva, é o custo demasiado da armação do partido. Ascendem as despesas a 30 bilhões de liras. Moscou subvençiona; mas, apesar disso, as subscrições obrigatórias para propagandas, publicações, eleições, etc., são verdadeiras extorsões. "Em março de 1954, 66 diaristas de Castellfranco, na Emilia, um dos bastiões vermelhos, largaram o partido declarando que a filiação se tornara um luxo impossível".

O terceiro erro, dos mais graves, foi a fomentação de greves políticas precisamente numa época de melhoramento econômico sensível. Os operários cansaram-se, bem viram as perdas resultantes e foram afrouxando. Na greve geral de setembro de 1953, tomaram parte 64%; na de dezembro, 42%; na de fevereiro de 1954, só 30% e foi um desastre. Aos 30 de março de 1955, os sindicatos comunistas de Turim, capital italiana da indústria de automóveis, sofreu tremenda derrota. Os votos comunistas, na usina Fiat, caíram de 63% a 30%. E, diz Visson, que os obreiros da Fiat estão fartos do jugo soviético. Entremetidos os sindicatos democráticos conseguiram dos patrões da Fiat quase todas as suas reivindicações, inclusive a construção de uma cidade operária cujo preço vai a mais de 8 bilhões de liras.

Essa queda monstruosa da influência comunista se vai verificando em outras cidades. Nas usinas Pirelli, desceram os votos de 68 a 29%; na siderúrgica Falck, baixaram de 72 a 48%; na usina de carburadores Weber, em Bolonha, o centro mais vermelho da Itália, reduziram-se de 76 a 34%.

Os comunistas ufanavam-se de sua influência na juventude italiana; mas, nas últimas eleições estudantis, 45% dos votos foram para os democratas cristãos; 38% para os candidatos não políticos; 11% para os neofascistas e somente 5% para os comunistas.

Demais, afirma Visson "os comunistas, hoje, nem são temidos, nem admirados como eram poucos anos faz. Os olhos do povo italiano, pouco a pouco, se desvendaram. Irritados pelo zelo comunista, acossante e intempestivo, decepcionados pelas várias promessas do partido, os italianos, além disso, começam a perceber que, ao inverso das profecias impingidas, as forças anticomunistas não provocaram nova conflagração na Europa ocidental e que até facilitaram à Itália a maior prosperidade que jamais conheceu esse país".

Enfim, o ministro Mario Scelba, na pasta do interior, organizou de tal modo sua polícia, expurgando-a de comunistas, que pôde coibir os arranjos do partido e inspirar confiança aos operários que cediam, tímidos, às suas imposições.

O sustentáculo do comunismo italiano é somente o desemprego. Ainda há quatro milhões de sem trabalho; mas, o plano econômico do ministro da fazenda Vanoni promete reduzir ao mínimo esse mal. Disso resultará maior rebaixo na influência comunista.

Os sinais de declínio no P. C., em todo o mundo, são gritantes. O diabo os fez, o diabo os levará... bem para as profundas. E já vão tarde!

lhadores no mesmo sentido. São rebeldias humanas, rebeldias dignas. Aos homens de ciência, aos técnicos e aos produtores, cumpre criar tudo quanto favoreça a vida e negar-se a todo trabalho que se destine à guerra, ao terrorismo estatal, à morte.

Sem o concurso dos homens de ciência, sem a habilidade dos técnicos e sem a atividade dos trabalhadores, não existiria hoje a bomba de urânio a bomba de cobalto e a de hidrogênio que, no dizer do físico alemão, Otto Hahn, "põem em perigo a continuidade da vida humana."

ÉCOS DA PRAÇA DO CONGRESSO

P. B. J.

O último comício do candidato Ademar, realizado aqui, no Rio, cujo slogan de propaganda se tornou conhecido como o do homem "que rouba, mas faz", teve uma concorrência extraordinária de correligionários. A certa altura dos acontecimentos, naturalmente contagiados pela força de expressão do slogan, começaram a desenvolver uma atividade fora do comum. O "Correio da Manhã", do dia 2 do corrente, assim noticiou a ocorrência:

"Anteontem, no comício do sr. Ademar de Barros, o nosso inquieto Luiz Bueno Filho compareceu com sua máquina fotográfica. A confusão era grande. Havia dificuldade de fotografar-se o candidato: muita poeira e muito cabo-eleitoral atrapalhando. Bueno Filho passou, pois, para a frente do palanque e aguardou uma atitude fotográfica do sr. Ademar de Barros. Quando este ergueu as mãos para cima e conclamou os partidários a acelerar o Brasil, o Bueno Filho levantou a máquina com os dois braços — e clic! — fez a chapa.

Quando abaixou a câmara, porém, teve uma desagradável surpresa: haviam-lhe batido celeremente do bolso todas as carteiras: a de dinheiro, a da ABI, a do Museu de Arte Moderna, a do Sindicato dos jornalistas e a do "Correio da Manhã".

Bueno Filho, por intermédio dos Jotas, faz um apêlo ao gatuão: fique com a carteira de dinheiro, mas ao menos, tenha vergonha e devolva as outras que só possuem utilidade pessoal e profissional. Pode mandar mesmo pelo Correio."

"O Globo" do dia anterior já tinha noticiado o seguinte: "Os amigos do alheio agriram à vontade na Praça do Congresso, batendo carteiras e roubando bolsas de senhoras, brincos, pulseiras e objetos de valor. Discretamente, o pessoal da Rádio Patrulha procurava deitar mão no numeroso grupo de "punguistas" evitando maiores prejuízos ao público."

Este acontecimento sugere-nos o comentário que faremos a seguir. Durante o último congresso clerical realizado em julho último e no mesmo local do comício, que ficou sendo conhecido como Praça do Congresso, vigários e vigaristas também agriram afanosamente, cada qual querendo demonstrar mais eficiência na profissão. Alguns vigaristas foram presos pela polícia. Mas D. Jaime, o chefe nacional dos Vigários de Cristo, saiu em defesa dos seus comandados alegando que tudo não passava de... obra do Diabo. O filho de Pedro Botelho lança aqui o seu mais veemente protesto contra a atitude do cardeal, que teima em responsabilizar o Diabo por tudo quanto de maléfico praticam as ovelhas negras do seu rebanho. E fazemos também um apêlo ao prefeito da Cidade para que mude o nome da "Praça do Congresso" para outro que esteja mais consentâneo com o que ali se tem praticado antes, durante e depois do Congresso Clerical. "Praça Ali-Babá" estaria mais de acordo. Somente "Ali-Babá", porque os ladrões agora são mais de quarenta.

RETIFICAÇÃO

Em virtude da escassez de tempo daqueles que têm trabalhado na feitura de AÇÃO DIRETA, a indicação de cada ano de tiragem do jornal está cheia de falhas. Havendo o jornal aparecido a 10 de abril de 1946, entrou êle em maio passado, no seu décimo ano.

SÔBRE A EDUCAÇÃO SOCIAL DOS JOVENS

(Conclusão)

Meditem um pouco os que têm filhos, e pondere bem o homem idealista na responsabilidade que contrai ao ter um filho, ao qual tem o indelével dever de educar fazendo dele homem culto e livre, animando-o a que lute desinteressadamente para conseguir instaurar uma sociedade de justiça social e de liberdade.

*

O problema tratado nos dois artigos anteriores é de veras muito sério para a nossa propaganda, além de ser problema muito complexo.

Vários companheiros, por suas ocupações, tanto no campo profissional quanto no da militância, faltando-lhe tempo suficiente para viver mais a vida em família, deixam a educação dos filhos a cargo das mulheres que, não sendo companheiras, passam a orientá-los no sentido da educação recebida e, quase sempre, coadjuvadas pelos parentes contrários às idéias do marido. Este fato se agrava quando o marido vem sofrendo ou tem sofrido restrições, preferências, perseguições ou prisões e principalmente se agrava, quando essas injustiças criam dificuldades financeiras para a família. Não sendo companheira, dificilmente, tem a mulher envergadura moral para enfrentar, com resignação e bravura, tão penosa situação. E, às vezes, quando de maneira subliminosa se dispõe a enfrentar, lá vêm os intrusos a martelar-lhe o espírito moralmente combatido, e ela cede àqueles que, a tróço de mingaudo auxílio para os filhos, lhe impõem uma condição humilhante. Outros companheiros, por um modo de ver que reputamos errado, não querem influir no espírito dos filhos quanto ao ensino das idéias, por achar que eles as devem procurar espontaneamente. Deixam assim que outros influam com outras idéias, com grandes possibilidades de bom êxito, por serem concepções dominantes no ambiente. Mal orientados de início, dificilmente virão a conceber o que pregamos. Há outros bons companheiros que ou lutam, ou lutaram bravamente, mas que, no íntimo, não se sentem muito seguros das idéias que pregam e defendem. Daí a indecisão quanto ao seu ensino aos filhos. São bons companheiros, são leais companheiros, são bravos companheiros, são desprezidos, mas, no íntimo, têm a dúvida a corroer-lhes a consciência. Quando marido e mulher são companheiros, ainda assim lutamos em condições difíceis. Temos a resistência do meio. Temos a contrapor-se à nossa ação, a ação da escola. E, como nem sempre uma criatura que foi educada num seminário se faz padre, que foi educada num colégio militar segue

S. P.

COMUNICADO DA F. O. R. A.

A "Federação Obreira Regional Argentina" — F. O. R. A., acentua, em um comunicado, que jamais abandonou a luta contra o poder opressor nos 54 anos da sua existência, sofrendo os seus filiados, maus tratos, perseguições, detenções. Recorda que, oportunamente, denunciou a C. G. T. ao proletariado por estar a C. G. T. a serviço incondicional da ditadura. Finaliza a F. O. R. A. fazendo um chamado aos trabalhadores do país para cerrar fileiras em torno das autênticas representações sindicais, sem ingerência política alguma que deprecie a dignidade dos seus filiados.

Outrossim, a F. O. R. A. dirigiu-se ao diretor de uma estação de rádio de Montevideu, desmentindo a notícia propalada, segundo a qual a entidade havia publicado folha clandestina que revelaria vinculações com o regime deposto.